

da honra militar”, fez candente denúncia, na sessão de 23 de setembro de 1909: “O pau e a faca de ponta foram os instrumentos do atentado. Os seus perpetradores eram praças do corpo policial, que se diziam instruídos e mandados pelos seus superiores. O crime era um desforço da suposta ofensa feita à honra do comandante da Brigada Policial pela manifestação dos moços acadêmicos”. Concluía assim o libelo: “A honra militar não difere da honra civil, senão em graduações convencionais. Em um país constitucional, onde não pode haver privilégio de classe, muito menos regalias de casta, aqueles que vestem a farda e cingem a espada não estão isentos da crítica e da responsabilidade que pesa sobre os cidadãos”. Responsabilizado pelos crimes, foi levado a júri o tenente João Aurélio Lins Wanderley, em setembro. A vitória de Hermes, nas eleições de 1º de março de 1910, assegurou a sua absolvição; como que completou o quadro<sup>(251)</sup>. Lima Barreto, que fez parte do júri de setembro de 1910, que condenou o oficial, escreveria, mais tarde: “Eu fiz parte do júri de um Wanderley, alferes, e condenei-o. Fui posto no índice”. Levado a novo júri, em janeiro de 1911, o oficial foi absolvido<sup>(252)</sup>.

Hermes tomou posse a 15 de novembro de 1910. O noticiário da imprensa ocupava-se ainda com a revolução que instaurara a República em Portugal, com os festejos da posse de Hermes e com a morte de Tolstói quando, na noite de 22 de novembro, realizando-se recepção ao novo presidente no Clube Tijuca, enquanto João Laje oferecia um jantar aos oficiais do barco português *Adamastor*, — ouviu-se o primeiro tiro de canhão.

(251) “A eleição de 1º de março de 1910 processou-se no meio de um movimento pendular, que ia da fraude à compressão e da compressão à fraude. O leitor moderno e desapaixonado dos dois fortes volumes em que se condensam todo o material referente ao pleito, a começar pela gigantesca contestação do candidato opositorista, preparada em poucos dias de denso labor, chega finalmente à conclusão de que Rui Barbosa foi eleito, em 1910, presidente da República. O Governo, o Exército e o Congresso é que empossaram o candidato derrotado”. (Afonso Arinos de Melo Franco: op. cit., págs. 612/613, II).

(252) O ambiente que cercou o primeiro julgamento do tenente Wanderley foi assim descrito: “Vinha a causa ao júri sob atmosfera de terror; dizia-se que o tribunal seria assaltado, que colegas do oficial do Exército e os companheiros das praças de polícia se haviam ajustado, com o intuito de desfeitear os acusadores, e, caso fosse desfavorável para os réus o resultado, perigavam as vidas dos jurados”. (Evaristo de Moraes: *Reminiscências de um Rábula Criminalista*, Rio, 1922, pág. 206). E o *Correio da Manhã* de 16 de setembro de 1910 assim mostrava a cena do tribunal: “Seis horas da manhã. Dia claro. Na sala do juiz todos dormem. Nos bancos, nas tribunas, nas cadeiras dos jurados, populares ressonam. Tinha o aspecto de um grande dormitório o Tribunal. De quando em quando, o cantar de um galo ou a pilhéria de um estudante faziam um ou outro estudante entreabrir os olhos. O cansaço dominava a todos. Os oficiais de justiça, a sono solto, roncavam, deitados no soalho de uma das salas”. Os acontecimentos da “Primavera de Sangue” abalaram a capital; o processo foi acompanhado com extraordinário interesse, o julgamento despertou estranho sentimento de atenção: foi bem o coroamento da campanha que levou Hermes ao poder.